

Primeiro Seminário Internacional de Pesquisa do Projeto “Augustine’s Anthropology”. Juiz de Fora: 2017

Antonio Henrique Campolina Martins¹
Fabio Caputo Dalprá²

RESENHA

Ocorreu nos dias 16 e 17 de março de 2017, no Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora, o Primeiro Seminário de Pesquisa relacionado ao projeto de cooperação internacional “Augustine’s Anthropology”, estabelecido entre o Núcleo de Estudos Agostinianos (UFJF), o Departamento de Teologia da Universidade de Aarhus (Dinamarca) e o Instituto Federal do Sul de Minas Gerais.

O projeto, financiado pelo *Network Programme* do *Ministry of High Education and Science* da Dinamarca, iniciou suas atividades em janeiro 2017, estabelecendo-se, por um lado, como uma das atividades de pesquisa do Núcleo de Estudos Agostinianos, por outro, como um desdobramento do projeto colaborativo de pesquisa intitulado “The History of Human Freedom and Dignity in Western Civilization” do Departamento de Teologia da Universidade de Aarhus, o qual agrega originalmente seis universidades europeias (University of Reading, Westfälische-Universität Halle-Wittenburg, Martin Luther King Universität Halle-Wittenburg, Università Cattolica del Sacro Cuore – Milano, Aarhus University e Charles University), além de grupos e projetos de pesquisa complementares que gravitam em seu entorno temático e epistemológico.

O projeto “Augustine’s Anthropology” integra, por sua vez, essa rede circundante devido à relevância da antropologia agostiniana para a fundamentação

¹ Doutor em Teologia. Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Juiz de Fora. Email: antonio.campolina@ufff.edu.br

² Doutor em Ciência da Religião. Professor de Ciências Humanas do Instituto Federal do Sul de Minas Gerais. Email: fabiod23@gmail.com

dos conceitos de liberdade e dignidade humana no desenvolvimento do pensamento ocidental. Trata-se, com isso, de uma contribuição pontual a uma extensa ação interdisciplinar de pesquisa que incorpora, além da filosofia, áreas como história, teologia e ciências da religião.

O primeiro dia do seminário contou com as presenças dos professores Antonio Henrique Campolina Martins (UFJF) e Fabio Caputo Dalpra (IFSULDEMINAS) – líderes do Núcleo de Estudo Agostinianos e coordenadores do projeto no Brasil –; Humberto Araújo Quaglio de Souza e Pedro Calixto Ferreira Filho (ambos professores da UFJF); do doutorando Morten Koch Møller (Universidade de Praga); e do professor Anders-Christian Jacobsen (Universidade de Aahus), coordenador do projeto na Dinamarca.

Na abertura do seminário, Anders-Christian Jacobsen expôs a recepção e as expectativas de seu departamento com a aprovação do projeto, ressaltando a importância deste vínculo de pesquisa com o Brasil, parceiro acadêmico cada vez mais presente nas universidades e centros de pesquisa dinamarqueses. Em seguida, após justificar a ausência da doutoranda Ilaria Scarponi (Universidade de Reading), também participante do projeto, apresentou em linhas gerais a pesquisa da mesma, voltada para a recepção de Orígenes no período que vai de Agostinho a João Escoto Erígena, com foco nos temas da liberdade humana e do livre-arbítrio. Ela busca demonstrar como a influência das ideias de Orígenes se faz presente nos escritos dos principais autores do período, mesmo com sua condenação oficial no século VI. A exposição do trabalho de Scarponi ilustra um elemento recorrente nas pesquisas que compõem o projeto “Augustine’s Anthropology”, a dizer, a relação entre as antropologia de Orígenes e a de Agostinho, com o que se reforça a relevância do desenvolvimento de um projeto que lida diretamente com os pilares, respectivamente, do pensamento patrístico grego e latino.

Em seguida, Jacobsen apresentou sua pesquisa denominada “The Development in Augustine’s Anthropology from the Young to the Old Augustine”. Passando pelas duas fases em que habitualmente se divide o pensamento agostiniano, o período de juventude e o de maturidade, ele inicialmente identificou alguns dos elementos centrais da antropologia que se destaca nos primeiros escritos agostinianos, sobretudo, os diálogos de Cassiciaco. Momento que seria marcado por um otimismo em relação à destinação existencial e salvífica do ser humano. Esse incipiente modelo antropológico teria se formado em torno de um dos desdobramentos da relação entre a alma humana e Deus, a saber, a questão da liberdade humana e do livre-arbítrio.

Em contraposição, destacou que a produção de maturidade do Hiponense permite entrever modificações na forma geral de sua concepção antropológica. A mais relevante delas surge da transição de uma apreciação mais positiva do ser humano para uma visão mais pessimista na qual a proeminência do livre-arbítrio é refreada pela ação imprescindível da graça. O ser humano é livre em seu querer e na determinação de sua orientação existencial, porém, insuficiente para alcançar por si

só a salvação. O peso colocado na grandiosidade da coordenação entre razão e vontade livre se transfere para a queda que cinge a existência humana com a marca do pecado.

Reconhecendo a amplitude de respostas que têm sido oferecidas a essa mudança, Jacobsen enfatizou a importância de situá-las ante às especificidades contextuais que circundam e orientam os escritos agostinianos. Daí a imprescindibilidade de se incorporar à discussão dos conceitos de liberdade e livre-arbítrio as imposições teóricas trazidas por seu envolvimento no ambiente polemista fomentado pelas heresias existentes no período de consolidação dogmática do cristianismo, o mesmo em que floresceu o pensamento agostiniano.

Na sequência das atividades do seminário, teve lugar a exposição de Humberto Araújo Quaglio de Souza. Intitulada “Johannes Climacus and Augustine on Time, Eternity and Truth”, sua pesquisa circunda em torno da recepção da concepção agostiniana de tempo, eternidade e verdade no pensamento de Søren Kierkegaard. Quaglio defendeu que alguns dos temas e reflexões proeminentes desenvolvidos pelo filósofo dinamarquês remetem a questões levantadas anteriormente na obra de Agostinho de Hipona. Assumindo os desafios metodológicos envolvidos na pesquisa, sobretudo aqueles que se referem à maneira como se realizou a recepção das obras e do pensamento agostiniano por parte de Kierkegaard, ele apontou algumas observações que iluminam a raiz eminentemente antropológica da confluência entre ambos.

Em primeira instância, foi mencionada a prevalência do tema da criação *ex nihilo* como um dos fundamentos teóricos do problema do tempo e da eternidade em Kierkegaard. Destacando a irredutibilidade entre Criador e criação que se empreende a partir da leitura agostiniana, ele aponta para o influxo dessa distinção junto aos conceitos de tempo e eternidade. Ao se considerar a passagem do não-ser para o ser, tal como implicada no relato do Gênesis, é preciso aceder à necessidade de extrair o Criador do plano temporal, âmbito exclusivo de realização da existência criatural marcada pela incompletude, e reconhecer a eternidade como um atributo de Deus.

O segundo nível de interpenetração entre os dois pensamentos se revela na discussão acerca da mediação de Cristo. Frente à irredutibilidade entre o eterno e o temporal, Quaglio trouxe à tona uma leitura de conceitos-chaves dos dois pensadores, tais como, *instante* (Øieblikket), *mestre* e *verdade*. A partir daí, ele sublinhou a centralidade da obra “Sobre o Mestre”, na qual se estabelece uma análise profundida da questão acerca do papel de mestre interior assumido por Cristo e sua ação junto à busca do ser humano pela verdade, afinal, ao discípulo não é concedido o aprendizado da verdade de forma autônoma.

Em acréscimo, e aqui já iluminando o ponto de contato desse tema com os conceitos kierkegaardianos de *instante* e *paradoxo*, ele trouxe à discussão o tema das duas naturezas de Cristo, completamente Deus e completamente homem – o que, em termos agostinianos, encontra paralelo na própria função de mestre interior,

sabedoria e ciência de Deus —, condição que, afinal, se revela como um paradoxo enquanto unificadora do tempo e da eternidade.

Ao término de sua exposição, defendeu que a confrontação dos dois pensamentos expõe a longa reminiscência do agostinianismo até o florescimento da filosofia moderna; e neste respiro kierkegaardiano é possível encontrar um terreno propício para se estimar a longevidade e a profundidade da antropologia de Agostinho.

Encerrando o primeiro dia do seminário internacional, Morten Koch Møller apresentou seu projeto de pesquisa, “The Theological Anthropology of Origen and Augustine”. Retomando a linha de investigação dos pontos de contato que ligam as concepções antropológicas de Orígenes e de Agostinho, ele situou sua reflexão a partir da interseção de temas como a graça, a providência e a predestinação com a vontade humana.

Particularmente relevante na proposição de sua pesquisa é a percepção de uma similaridade entre as exegeses de Orígenes e dos primeiros escritos de Agostinho acerca do capítulo 9 da Epístola aos Romanos. Para ele, ambos concordam que a passagem trata a doutrina da liberdade dentro de um contexto que preserva a presciência divina.

Concluída essa delimitação temática inicial, Møller se ateve a uma ponderação mais detalhada dos escritos agostinianos a serem examinados em sua pesquisa. Ele argumentou que a base de sustentação teórica desse tema nos primeiros escritos agostinianos se encontra nas exposições comentadas das epístolas paulinas aos romanos e aos gálatas³, escritas provavelmente entre os anos de 394 e 395.

Após mencionar a importância da exegese agostiniana de Rm 9 na consolidação teórica da relação entre a graça e a vontade humana, ele complementou defendendo não apenas a necessidade de uma avaliação da extensão da semelhança entre as ideias de Orígenes e aquelas do, assim denominado, primeiro Agostinho, mas também da profundidade do abandono dessa hermenêutica em suas obras de maturidade, por onde se afastaria, por consequência, de uma antropologia cristã de matriz origenista.

O segundo dia do seminário teve início com a exposição da pesquisa de Antonio Henrique Campolina Martins nomeada “The Influence of *Regula Augustini’s* Anthropology on the *Regula Benedicti*”. Ressaltando a importância da cultura monástica para a formação espiritual do homem europeu, não somente do final da Antiguidade, mas de todo o Medievo, ele apontou a relevância do estudo das duas regras monásticas para a apreensão da, por vezes fugidia e multiforme, concepção antropológica agostiniana.

A *Regula Benedicti*, escrita na primeira metade do século VI, tem como fonte primária a *Regula Magistri*, todavia, recorre também a referências mais antigas, entre

³ São elas: *Expositio 84 propositionum epistolae ad Romanos*, *Epistolae ad Romanos inchoata expositio* e *Expositio epistolae ad Galatas*.

elas os escritos agostinianos. Martins, ao direcionar a discussão para a questão antropológica, apontou que o modelo que se sobressai nas regras apresenta, no entanto, algumas especificidades em relação àquele presente nas demais obras do Hiponense. Primeiramente, observa-se o predomínio de uma concepção antropológica marcada por uma horizontalidade. O ser humano é definido por sua inserção social. A deformação de sua conduta é relativamente sanada no encontro e na prática do amor cristão fraternal. O tema da *caritas* é atualizado no sentido de uma prática religiosa, sem prejuízo do profundo valor espiritual atrelado à sua capacidade de elevar o homem rumo à fonte originária do amor por meio do Filho.

Há que se notar com isso, uma inversão antropológica nos escritos monásticos. A discussão não recai mais sobre a uma estrutura verticalizada pela qual se concebe a alma a partir de sua posição intermédia entre o corpo e Deus, mas, antes, em um entendimento que abrange sua interação horizontal com o mundo e com seus pares. A inserção desse modelo indica não apenas a emergência de uma concepção da alma como um conceito ao qual se sobrepõem inúmeras camadas especulativas, mas, sobretudo, como uma instância relacional. O reconhecimento do semelhante se dá em sua disposição espiritual (*dispositio animi*) para a vida cristã.

Dessa maneira, na medida em que a conjunção das pesquisas apresentadas no seminário ilustra o panorama amplo e diverso da questão antropológica ao decorrer do desenvolvimento do pensamento agostiniano, Martins fez notar como seu trabalho aponta para o que talvez seja o seu derradeiro modelo teórico. A partir daí, ponderou sobre a importância de se entender como, a partir de uma clivagem monástica, a tradição posterior receberia e redefiniria os elementos básicos de sua antropologia diante de novas exigências históricas, filosóficas e teológicas.

Em seguida, Fabio Caputo Dalpra apresentou seu trabalho “The Augustinian Anthropology in *de trinitate* and *sermo LII*”. Iniciou-se a exposição em torno da relevância do tratado *A Trindade* dentro do âmbito geral do pensamento agostiniano. A discussão que tem lugar em suas páginas e que encontra seu cume na questão da *imago Dei* abre novas possibilidades de apreensão antropológica se comparada com escritos anteriores. Ao se interrogar sobre o significado da expressão *imago et similitudinem Dei* – referenciada no texto de Gn 1,26 –, e sobre onde, de fato, subsiste no ser humano tal imagem, ele descortina a seara marcadamente antropológica da questão trinitária.

Há uma transição perceptível no acento antropológico do pensamento agostiniano na medida em que se desloca do problema da liberdade e do livre-arbítrio para aquele das estruturas trinitárias presentes na mente (*mens*) humana. Em síntese, Agostinho promove a ideia de que uma análise da coordenação das atividades da memória, da inteligência e da vontade oferece um vislumbre da essência trinitária de Deus.

Com isso, para além de uma abordagem que se resume a apreender o desenvolvimento da questão antropológica na reflexão agostiniana a partir das opções excludentes de ruptura ou continuidade, a tarefa que se impõe é entendê-la

como um elemento teórico imbricado e dependente de diferentes contextos de problematização do ser humano.

Em adição, foi argumentado como a antropologia que se destaca neste período de maturidade do pensamento de Agostinho, em especial, na obra *de trinitate*, encontra ressonância no *Sermão III*, escrito e proferido durante o mesmo tempo de redação do tratado trinitário. Embora adaptado ao caráter mais pedagógico e parenético exigido por um sermão, ele replica em sua estrutura intrínseca o itinerário reflexivo do *de trinitate*, ou seja, parte de uma análise exegética, a fim de identificar e fundamentar textualmente a indissociabilidade *ad extra* e *ad intra* do Pai, do Filho e do Espírito Santo, para, somente então, impelir-se em uma excursão mais especulativa, fundamentada na relação analógica entre a essência trinitária divina e a interioridade humana.

Por fim, após a proposição das pesquisas a serem desenvolvidas no projeto de cooperação internacional, os representantes do departamento de teologia da Universidade de Aarhus e do Núcleo de Estudos Agostinianos se reuniram para discutir o planejamento das próximas atividades, principalmente, a realização do segundo seminário do projeto, previsto para o final de 2017, em Aarhus, além das possibilidades de publicação dos estudos em desenvolvimento.